

O CORPO FEMININO NA *PERFORMANCE ARTE* BRASILEIRA DO SÉCULO XXI: DA CONSTRUÇÃO SOCIAL À CONSTRUÇÃO DO CORPO SEM ÓRGÃOS

MOREIRA, Viviane Moraes
NEAP/Instituto de Artes e Design/UFPEL

SILVA, Ursula Rosa da
Instituto de Artes e Design - UFPEL

1 INTRODUÇÃO

Este artigo sobre a Presença Feminina na Performance Arte Contemporânea, resulta da pesquisa, ainda em fase inicial, que está sendo realizada durante o curso de Especialização em Educação, núcleo de Educação, Arte e Filosofia do IF-SUL Pelotas, com o apoio do Grupo de Pesquisa “Caixa de Pandora: Mulheres Artistas e Mulheres Pensadoras do século XX” inserido no NEAP – Núcleo de Estudos em Arte e Patrimônio/UFPEL. Investiga-se a relação entre o corpo e a performance através de questionamentos sobre a forma como as artistas *performers* brasileiras exploram ou não seu caráter feminino, quais temáticas estão sendo abordadas e em que medida a construção deste corpo reflete a condição social feminina na contemporaneidade. Para tanto, neste momento analisa-se as obras das artistas Márcia X, Beth Moysés e Companhia Kiwi de Teatro.

Abordando a Performance Arte também como um deslocamento de forças traz o corpo social e o corpo cênico a partir da idéia de Corpo sem Órgãos de Antonin Artaud na perspectiva desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari na qual o corpo torna-se livre de qualquer tipo de organização e transforma-se em potência. Interessa ainda investigar o que ocorre na Performance Arte neste não-lugar onde se situam o deslocamento de forças e o corpo de fluxos, a experimentação de si, o corpo sem órgãos. Problematiza-se desta forma o que estas mulheres *performers* necessitam comunicar corporalmente.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia utilizada é um estudo de caso, que se dá através de levantamento bibliográfico, registros fotográficos e, no caso da Companhia Kiwi, dados obtidos através de correspondência eletrônica, acerca da produção artística das Performers já citadas, realizadas nos últimos dez anos.

O cruzamento de dados se realiza por meio da fundamentação metodológica embasada em autores que abordam a temática da Performance Arte, bem como as questões referentes aos “fluxos de energia” e “potência” que estão imbricados nos conceitos de “corpo social” e “corpo cênico”, tais como Deleuze, Guattari e Denise Sant’Anna.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o presente momento as investigações se detêm ao contexto histórico da performance arte, à condição social da mulher ao longo da história e ao levantamento de dados sobre as produções artísticas das artistas selecionadas.

A Performance Arte, movimento das artes plásticas ligado às artes do espetáculo como o teatro e a dança teve início nas décadas de 1960/1970, em meio a transformações sociais, políticas e econômicas, além da efervescência dos movimentos feministas, organizava-se como eventos de criação plástica, de caráter rápido e efêmero. Por ser uma arte do corpo o *performer* se coloca como instrumento de sua arte e esta transcende seu próprio corpo. No Brasil podemos citar Lygia Clark como um ícone do nascimento da performance, pois com seus “Bichos” e obras sensoriais coloca o corpo como parte da obra, como sendo a própria obra transformando a apreciação estética em experimentação estética.

O corpo feminino, objeto deste estudo, enquanto corpo social está diretamente ligado à condição feminina ao longo da história. A idéia da mulher como propriedade do homem e a relação de submissão entre os sexos perdurou fortemente até meados do século XX. Com o surgimento das lutas do movimento feminista durante as décadas de 1960 e 1970, a “queima dos sutiãs” e o advento da pílula anticoncepcional, a mulher passa a conquistar uma nova posição na sociedade e inicia a caminhada contra o sistema patriarcal. Embora ainda estejamos vivendo em uma sociedade machista e os preconceitos e repressões ainda estejam longe de ter fim, no final do século XX e nesta primeira década do século XXI mais do que nunca o corpo feminino está em destaque, por ser uma sociedade de cultura visual os anúncios publicitários e as mídias em geral promovem a banalização e uma superexposição deste corpo tratado como produto. Contudo a presença da repressão do corpo feminino é muito presente na educação das mulheres e a interiorização das proibições e interdições da relação da mulher com seu corpo (Chauí, 1991) promove um processo de construção do que se pode chamar corpo social. Nesta pesquisa interessa saber como as artistas brasileiras no século XXI estabelecem a relação deste corpo social, constituído através das vivências para adequar-se aos grupos e códigos sociais aos quais pertencem, com a sua produção artística. Para tanto veremos este processo por meio da obra das artistas Márcia X, Beth Moysés e Kiwi Companhia Teatral.

A artista carioca Márcia Pinheiro de Oliveira, Márcia X (Foto 1), faleceu no ano de 2005 aos 45 anos. É considerada pelos críticos um ícone da performance e do universo *underground* no Brasil, sua obra é marcada pelo uso de brinquedos infantis, objetos eróticos e religiosos que promovem um deslocamento de sentidos.

As instalações e performances de Márcia fazem ainda crítica à banalização do sexo, denuncia o nível precoce de erotização da criança e aborda questões obsessivas referentes ao universo feminino como os cuidados com o lar e a beleza.



Foto 1: “Ação de Graças”, 2002.
Fonte: Internet,
Disponível em: www.marciax.art.br
Acesso em: 30/7/2010

A segunda artista analisada é Beth Moysés, nascida em 1960, em São Paulo, a artista plástica investiga o tema da violência doméstica, explora um símbolo forte do universo feminino: o ‘vestido de noiva’ e toda a simbologia de afeto e ritualização de um momento contida nele.



Foto 2: “Memória do afeto”, 2000.
Fonte: Internet
Disponível em:
www.bethmoyses.com.br/memoria/sampa/7.htm
Acesso em: 30/7/2010

As performances de Beth Moysés (Foto 2) aliam as lutas políticas do movimento feminista ao poder expressivo da arte denunciando a violência e tornando público o sofrimento que muitas vezes é velado.

A Kiwi Companhia de Teatro foi criada em 1996. Em seus trabalhos são evidenciadas críticas sociais, reflexões acerca do universo teatral e o projeto atual de trabalho “Carne – Patriarcado e Capitalismo” (Foto 3), discute temas correlatos a mercantilização da vida, inclusive do corpo feminino e a violência contra a mulher.



Foto 3: “Carne – Patriarcado e Capitalismo”
Fonte: Internet
Disponível em:
www.kiwiciadeteatro.com.br/fotos/carne.htm
Acesso em: 15/8/2010

Em 2010, a Kiwi participou da mobilização pela descriminalização do aborto. Com o projeto “Carne”, além de outras intervenções, que discutem a opressão de gênero.

4 CONCLUSÕES

Com base nos dados apurados até o momento, é possível identificar a conexão existente entre as propostas de Beth Moysés, Márcia X e Cia Kiwi. Cada uma com suas singularidades aborda questões referentes ao universo feminino e faz reflexões sobre a violência contra a mulher, seja ela física ou moral.

No que se refere à aproximação com os referenciais teóricos, pode-se perceber a construção do “corpo social” intimamente ligado às formas de repressão do corpo feminino (Chauí, 1991), bem como à ideia de “corpo sem órgãos” (Deleuze e Guattari, 1996), este corpo que é fluxo de energia e constitui o “corpo cênico”, é um corpo afetivo, intensivo, que é atravessado por uma vitalidade não-orgânica, é liberado dos automatismos orgânicos. Deleuze e Guattari (1996) complementam dizendo que é um corpo vibrátil e que se opõe a todos os estratos de organização, tanto às organizações do organismo, quanto às das organizações de poder. Devido ao caráter efêmero das experimentações e ao hibridismo da linguagem da performance, pode-se ainda, aproximar estas produções da noção de “corpos de passagem” (Sant’Anna, 1995) no sentido de potencializar e ampliar as ressonâncias das forças destas ações conscientes próprias da performance arte em que o Corpo torna-se maior que a *performer*, um corpo quando se torna passagem “é, ele mesmo, tempo e espaço dilatados”, segundo Sant’Anna o corpo em si não importa, “o que conta é o que se passa entre os gestos”, o que liga um corpo a outro, o não-lugar, o *entre-lugar* de Deleuze.

Com o decorrer da pesquisa pretende-se investigar ainda mais as relações que perpassam as obras de Márcia X, Beth Moysés e Cia Kiwi de Teatro e que constituem e produzem os diversos corpos que permeiam o universo feminino na Performance Arte Brasileira do século XXI.

5 REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. 12ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- GROSENICK, Uta. **Mulheres artistas nos séculos XX e XXI**. Lisboa: Editora Taschen GmbH, 2002.
- GUILLES, Deleuze. O Ato de Criação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Mais, 27 Junho, p. 4, 1999.
- GUILLES, Deleuze. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Vol.3**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LINS, Daniel. **Antonin Artaud – O artesão do corpo sem órgãos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.